



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
MONOGRAFIA EM LITERATURA**

**MARIA JOSÉ TELES VASCONCELOS**

**OS CONFLITOS DA MULHER NOS CONTOS: “O BESOURO E A ROSA” E  
“VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE E “PRECIOSIDADE” E  
“AMOR” DE CLARICE LISPECTOR**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA**

**Brasília-DF**

**2014/1**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
MONOGRAFIA EM LITERATURA**

**AUTORA: MARIA JOSÉ TELES VASCONCELOS**

**OS CONFLITOS DA MULHER NOS CONTOS: “O BESOURO E A ROSA” E  
“VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE E “PRECIOSIDADE” E  
“AMOR” DE CLARICE LISPECTOR**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientado por: Profr<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana de Fátima Barbosa

**Brasília-DF**

**2014/1**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado força e coragem para seguir em frente e derrubar as barreiras que apareceram em meu caminho. Aos meus pais, que me ensinou a trilhar bons caminhos com afeto e dedicação, que se doaram por inteiro, e por muitas vezes renunciaram seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Ao meu esposo que, mesmo quando estava distante me auxiliava no que estivesse ao seu alcance. A minha orientadora a Professora, Doutora, Adriana de Fátima Barbosa, pela paciência que teve comigo, pois suas sugestões e orientações contribuíram muito para o meu processo de elaboração deste trabalho, toda minha estima.

Aos professores que fizeram parte do nosso aprendizado. Aos funcionários da Universidade que contribuíram direta ou indiretamente no meu processo de aprendizagem.

Aos nossos colegas de turma, com quem compartilhamos os conhecimentos, as dúvidas, os questionamentos, as tristezas, os risos e as alegrias. A todos o meu muito obrigado.

*Mulher*

*Semente...*

*SER-mente...*

*SER que faz gente,*

*SER que faz a gente.*

*Mulher*

*SER guerreiro, guerrilheiro, lutador...*

*multimídia, multitarefa, multifaceta, multiacaso...*

*multi-coração...*

*Mulher*

*SER que dá conta,*

*que vai além da conta,*

*que multiplica,*

*divide, soma e subtrai, sem perder a*

*conta, sem se dar conta,*

*de que esse século foi seu parto,*

*na direção de seu espaço,*

*de seu lugar de direito e de fato,*

*de seu mundo que lhe foi usurpado e que*

*agora é por ela ocupado.*

*Autor Desconhecido.*

## **RESUMO**

O Brasil passou por diversas transformações no século XX, econômicas, sociais, nas artes, isso tudo por conta dos avanços na indústria e no comércio, com a urbanização e a constituição de classes sociais antagônicas. Com isso, o país ingressava nessa modernização com dificuldades e a cidade de São Paulo era a porta de entrada dessa modernização atrasada que estava modificando a metrópole e o país. Logo, todas essas transformações, passaram a gerar vários conflitos que afetaram diretamente a mulher trabalhadora em diversas situações de exploração e opressão, tanto dentro das empresas pelos patrões, como no recinto doméstico por causa do machismo que impera na mente da maioria dos homens. Assim, podemos observar que, apesar da metade da população ser constituída por mulheres, são elas as que mais estudam, as que mais vivem na informalidade, e ainda são as mulheres que recebem salários inferiores ao dos homens quando desenvolvem as mesmas tarefas. Tudo isso por conta desse sistema alienador que faz de tudo para obter mais lucro através da exploração da classe trabalhadora.

Palavras Chaves: Conflitos, Mulher, trabalho, exploração e opressão.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
2	CAPÍTULO 1 - ANÁLISE DO CONTO “O BESOURO E A ROSA” DE MÁRIO DE ANDRADE .....	7
3	CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DO CONTO “VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE .....	15
4	CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO CONTO “PRESIOSIDADE” DE CLARICE LISPECTOR .....	21
5	CAPÍTULO 4- ANÁLISE DO CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR ..	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por objetivo tratar da “questão feminina”, que é um tema de grande relevância no contexto da sociedade atual. Com isso, iremos analisar quatro contos de dois grandes escritores brasileiros que foram destaque no modernismo, mas precisamente na Semana de Arte Moderna que aconteceu em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. Um desses grandes ícones da literatura brasileira é Mário de Andrade que foi o precursor do modernismo, que com sua coragem, mudou seu estilo de escrever a partir da assimilação de tendências europeias. O outro grande ícone da nossa literatura é a escritora Clarice Lispector, uma ucraniana que se naturalizou brasileira e que tinha uma grande paixão em escrever. Por isso, ela deixou vários livros publicados, sendo que a maioria deles aborda em seu tema a situação da mulher na sociedade.

A monografia está dividida em quatro capítulos, que se dividem em: dois contos de Mário de Andrade e dois contos de Clarice Lispector. Portanto, em cada um deles mostraremos a forma como o narrador narra à mulher, como também, a importância e a condição desta na situação narrativa.

Assim, com as análises é possível perceber também que, cada conto apresenta uma situação diferente que leva a mulher a ser explorada e oprimida dentro da sociedade.

## Capítulo 1

### ANÁLISE DO CONTO “O BESOURO E A ROSA” DE MÁRIO DE ANDRADE

O conto urbano “O Besouro e a Rosa”, faz parte do livro, Os Contos de Belazarte. A situação narrativa do conto é de uma terceira pessoa, transformada em primeira. Nele Belazarte, assumindo a posição do intelectual, apresenta as dificuldades do cotidiano de pessoas humildes da Lapa. Escrito por Mário de Andrade, em 1923. Os contos focalizam a cidade de São Paulo a partir da periferia, com atenção especial aos bairros pobres da maior capital do Brasil. Ao que tudo indica, a escolha do foco é bastante deliberada, pois trata de problematizar o momento de expansão econômica e industrialização, frente à modernização que tomava conta da literatura dos anos 1920.

Uma das marcas mais importantes dos contos é o uso intensivo do discurso oral, a mistura de códigos (oral e escrito) explicitada pela rubrica “Belazarte me contou”, que inicia todas as narrativas. Neste conto, Belazarte assume a condição de intelectual. Justificamos nossa posição de análise ao observar que, durante todo o conto o narrador andradiano aparece como a única “figura” do universo diegético que consegue revelar e problematizar a condição de subalternização em que Rosa a protagonista do conto se encontra dentro do sistema das relações sociais representada na narrativa.

As primeiras décadas do século XX, segundo o ideário do sistema vigente, foram marcadas pelos avanços da indústria e do comércio, e pelas consequências socioeconômicas a eles inerentes. Com a urbanização e a constituição de classes definidas antagônicas. Os conflitos originados dessa relação de produção não encontravam solução na legislação liberal vigente, pois nela não havia sequer esboço de direito social.

Internamente, o país conhecia suas primeiras grandes manifestações sociais, durante os movimentos grevistas de 1917 e 1919, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro (antigo Distrito Federal). Ainda predominantemente rural, a economia brasileira deparou-se com as consequências da substituição da mão-de-obra escrava livre, pelo processo iniciado já no século passado. O Brasil ingressava na modernidade com dificuldades e a cidade de São Paulo era a porta de entrada dessa modernização atrasada que estava modificando a metrópole e o país.

Esses avanços trouxeram mudanças também no campo da literatura e das artes plásticas. Através do Movimento Modernista que teve como protagonista o escritor Mário de Andrade. O Movimento no Brasil foi desencadeado a partir da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra mundial, como o Cubismo e o Futurismo. Portanto, foi na cidade de São Paulo, em 1922 com a Semana de Arte Moderna que deu-se o pontapé inicial para o modernismo no Brasil. O



modernismo foi marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, sendo os da primeira fase mais radicais em relação a esse marco.

No trecho abaixo, Mário de Andrade explica a origem das narrativas de Belazarte:

Estes contos foram planejados para servirem de intermediários a umas Crônicas de Belazarte, publicadas na América Brasileira. De cinco em cinco crônicas, um se intercalava. Foram assim publicados os dois primeiros, “O Besouro e a Rosa” (América Brasileira de fevereiro de 1924). E “Caim, Caim e o resto” (América Brasileira de julho de 1924). Depois, impulsos de camaradagem me obrigaram a sair da revista, que aliás morreu logo. Ficaram os contos já escritos no calor do plano inventado, e outros no desejo. Destes, alguns tiveram realização, e vão também aqui. “O Besouro e a Rosa” foi ainda publicado, e sem as restrições da revista, no livro Primeiro andar, como página de encerro (ANDRADE, 1934).

No primeiro parágrafo, que introduz o conto, pode-se observar a questão do favor. Rosa fora deixada aos cuidados de Dona Ana e Dona Carlotinha, aos sete anos de idade. O narrador faz referência à mãe de Rosa, mas não explica o porquê do abandono e que destino tomou a mulher. A menção à mãe da Rosa serve apenas para relatar o abandono e certa condição de “desamparo” em que a protagonista fora deixada, e dessa forma justificar a inserção desta, dentro das relações de favor, estabelecidas entre Rosa e as duas tias que passam a cuidar dela. Em troca das condições básicas de sobrevivência, Rosa passa a servir as duas tias, se responsabilizando pelos afazeres domésticos, o cuidado da horta, as compras na vendinha de seu Costa e também, cuidando da saúde das duas senhoras.

Belazarte mostra Rosa como uma jovem “inocente”, “infantil”, apesar dela já ter dezoito anos, ele a compara a moça com a pureza das crianças de 1865, ou seja, com uma pessoa muito “atrasada”, “desatualizada”. O narrador faz uma espécie de ironia com a da situação em que a vida transformou a jovem.

Vejamos no trecho abaixo o que diz SCHWARZ sobre a questão do favor:

[...], éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo. [...] Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio burguês – a prioridade do lucro, com seus corolários sociais – uma vez que dominava no comércio internacional, para onde nossa economia era voltada [...]. Por outro lado, com igual fatalidade, este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles. (SCHWARZ, 2000, p.13)

Para Schwarz (2000), o Brasil precisa se libertar do regime de escravidão que envergonha outros países. Para isso, será necessário abolir oficialmente a escravatura, e entrar de vez na

ordem dos favores, que tem por finalidade, a livre negociação entre as classes sociais da atual modernidade. O autor afirma ainda que, com o trabalho livre o patrão tem mais liberdade, além de utilizar menos capital. Por isso, a questão do favor deve ser praticada já que, ela assegura valor às duas partes, em especial a mais fraca.

Não acredito em bicho maligno mas besouro... Não sei não. Olhe o sucedeu com a Rosa...

Dezoito anos. E não sabia que os tinha. Ninguém repara nisso Nem Dona Carlotinha nem Dona Ana, entretanto já velhucas e solteironas, ambas quarenta e muito. Rosa viera prá companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãe. Morreu ou deu a filha que é a mesma coisa que morrer. [...] Rosa mocetona já era infantil e de pureza infantil. Que as purezas como as morais são muitas e diferentes... Mudam com os tempos e com a idade da gente... Não devia ser assim, porém é assim, e não temos que discutir. Mas com dezoito anos em 1923 Rosa possuía a pureza das crianças dali... pela batalha do Riachuelo mais ou menos... Isso: das crianças de 1865. Rosa... que anacronismo! (ANDRADE, 1923, p.11-12).

O narrador fala que a casa aonde mora Rosa e as duas tias, é uma casinha pobre do subúrbio paulista, e que a mocidade da jovem desenvolveu-se apenas no corpo, na cabeça que também é importante, isso não aconteceu.

Percebe-se que as relações entre criada e patroas estão dentro do sistema de relações paternalistas. Com isso a subjetividade da protagonista é esmagada pelo caráter exploratório das duas tias. Podemos observar que a classe privilegiada na ordem social reconhecendo-se como tal, condiciona os subordinados à dependência de caráter físico, e ideológico sem deixar outra saída para que eles se sintam individualizados. Como é o caso de Rosa que ficou “condicionada”, pelas tias, pois quando foram ao cemitério visitar o túmulo do pai das duas senhoras, a jovem chorou só para acompanhar as patroas.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1994), durante o período colonial, toda a ordem administrativa do país era composta pelo sistema senhorial. Eram os fazendeiros escravocratas e seus herdeiros quem monopoliza a política, fundando a estabilidade das instituições. Os partidos políticos eram constituídos à semelhança do estilo patriarcal, onde preponderavam os laços biológicos e afetivos e os membros se achavam considerados por sentimentos e deveres, nunca por interesses e ideias. Nos domínios rurais a autoridade do proprietário não podia sofrer qualquer tipo de restrição. A família colonial transmitia a ideia mais normal de poder, obediência e coesão. O grupo familiar tornou-se tão poderoso que a sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico.

Com o declínio da lavoura e a ascensão dos centros urbanos, os senhores rurais perderam sua posição privilegiada. Eles passaram a ocupar outras funções dentro das cidades. O trabalho intelectual, que é para os homens nobres e livres, para os indivíduos que se distinguem dos seus semelhantes por nobreza de sangue era exercido pelos antigos senhores rurais, já que eles se achavam portadores de mentalidade e tendência. Como não existia uma burguesia urbana independente, os candidatos às funções criadas recrutavam-se entre si. Por longos anos esses indivíduos invadiram as cidades e conquistaram todas as profissões, sem exclusão das mais humildes. Naquele período, a cidade recebia recursos dos centros agrícolas que nunca deixou de ressentir a ditadura imposta pelos senhores de terras.

“Nas velhas corporações formavam-se como uma família, partilhavam das mesmas privações e confortos. Foi o moderno sistema industrial que suprimiu

a atmosfera de intimidade que reinava entre empregadores e empregados e estimou os antagonismos de classe. Para o empregador moderno o empregado transformou-se em simples número e a relação humana desapareceu [...]”. (HOLLANDA, 1994, p.102)

Segundo Engels (1884), a exploração da mulher existe há muito tempo, pois é anterior aos três modos de produção: escravismo, feudalismo e capitalismo, mas é no capitalismo que a mulher é mais explorada e degradada. A opressão tem origem social e econômica que ultrapassa então, por uma questão de classe, cujo maior opressor é o capital.

Na casinha em que moravam as três, caminho da Lapa, a mocidade se desenvolvera só no corpo. Também saía pouco [...] quando muito finados. [...] Então Dona Ana e Dona Carlotinha vestiam sêda preta, sim senhor! [...]. Rosa acompanhava as patroas na casa mais novinha levando os copos-de-leite e as avencas todas da horta. Iam no Araçá aonde repousava a lembrança do Capitão Frágoso Vale, pai das duas tias. Junto do mármore raso Dona Carlotinha e Dona Ana choravam. Rosa chorava também pra fazer companhia. Enxergava as outras chorando, imaginava que carecia chorar também, pronto! Chororó... abria as torneiras [...] (ANDRADE, 1923, p.12).

Neste trecho, pode-se observar que, Rosa está na condição de subalterna em relação às suas superiores. O narrador apresenta a moça como se ela não fosse obrigada a fazer as tarefas da casa. Enquanto, as duas patroas também não percebem a exploração e a dominação em que submetem a moça.

A vida que a jovem leva e a falta de reflexão não deixam espaço para ela imaginar sonhos, esperanças, um futuro melhor. Sua ingenuidade é tanta que o narrador a chama de “varridinha”, “vazia”, “pobre de espírito”. Essas características a jovem herdou por conta de viver afastada da sociedade. E ainda, sua inocência chega ao extremo, pois se a moça faz uma oração, ela não sabe o porquê da intercessão.

Conforme Engels (1884), na sociedade antiga as mulheres eram livres, pois faziam parte de um sistema baseado em princípios comunistas onde todos os membros tinham direitos iguais, não havia a dominação de uma classe rica que explorava a classe trabalhadora. Por isso não havia nenhuma forma de dominação de um sexo sobre o outro.

Essa anualmente a viagem grande da Rosa. No mais: chegados até a igreja da Lapa algum domingo solto e na Semana Santa. Rosa não sonhava nem matutava. Sempre tratando da horta e de Dona Carlotinha. Tratando da janta e de Dona Ana. Tudo com a mesma igualdade infantil que não implica desamor não. Nem era indiferença, imaginar as diferenças, isso sim [...] Indistinta e bem varridinha. Vazia. Uma freirinha. O mundo não existia pra... qual freira! Santinha de igreja perdida nos arredores de Évora. Falo da santinha representativa que está no altar, feita de massa pintada. A outra, a representada, você bem que sabe: está lá no céu não intercedendo pela gente... Rosa se carecesse intercedia. Porém sem saber porquê. [...] A pureza, a infantilidade, a pobreza de espírito se vidravam numa redoma que a separava da vida [...]. (ANDRADE, 1923, p.12-13).

Neste trecho, o narrador mostra que, a casa onde Rosa morava ficava em uma rua sem infraestrutura, rua dos bondes. Bonde (transporte) muito utilizado pela população da grande

São Paulo no Século XX. Portanto, era nessa rua que ficava a vendinha de seu Costa (pequeno burguês) onde Rosa ia comprar o alimento necessário para a manutenção dela e das duas senhoras.

Segundo Florestan Fernandes (1920 – 1995). No Brasil, houve uma revolução burguesa ainda que peculiar e pautada no entendimento da formação, do desenvolvimento das lutas de classes e das perspectivas do povo brasileiro.

As mulheres trabalhadoras são exploradas tanto por seus patrões dentro das organizações (firmas, empresas, fábricas etc.) quanto pelas mulheres burguesas quando estas compram seus serviços.

[...] Só a casinha além na mesma rua sem calçamento, barro escuro, capim livre. [...] rua dos bondes. Mas já na esquina a vendinha de seu Costa impedia de Rosa entrar na rua dos bondes. [...] Rosa parava ali. A venda movia toda a dinâmica alimentar da existência de Dona Ana, de Dona Carlotinha e dela. (ANDRADE, 1923, p.13).

Neste trecho, Belazarte faz uma descrição da mudança corporal de Rosa. Ele mostra a jovem já transformada em mulher a partir do sensual e do erótico, fazendo uma comparação da moça com uma maçã camoesa (fruta de origem portuguesa). Ele ainda menospreza a figura da moça, de maneira dissimulada. Primeiro se escondendo sobre o ponto de vista de João, ao mesmo tempo em que faz uma crítica provocativa ao Modernismo que estava florescendo nos anos 1920.

O sol dava de chapa no corpo que vinha vindo. Foi então que João pôs reparo na mudança da Rosa. Estava outra. Inteiramente mulher com pernas bem delineadas e dois seios agudos se contendo na lisura da blusa que nem rubi de anel dentro da luva. Isto é... João não viu nada disso, estou fantasiando a história. Depois do século dezenove os contadores parece que se sentem na obrigação de esmiuçar com sem-vergonhice essas coisas. Nem aquela cor de maçã camoesa amorenada limpa... Nem aqueles olhos de esplendor solar... João reparou apenas que tinha um mal-estar por dentro e concluiu que o mal-estar vinha de Rosa. (ANDRADE, 1923, p.14-15).

O narrador andradiano descreve o padeiro João como uma pessoa parecida com Rosa, “pacata”, “ingênuo”, sem letras, e sem muitos amigos. Entretanto, a única diferença dele para a jovem é que, ele não foi abandonado como ela, pois que ele recebeu amor e carinho de seus pais, mas por não ter estudo e viver para o trabalho, o moço tem uma vida sobrecarregada, pois ele faz pão, e vende pão. No entanto, sua única diversão é jogar futebol aos domingos no Lapa Atlético. Vemos que João é um “pequeno burguês” que trabalha dentro do sistema capitalista. Portanto, ele e seu pai são os responsáveis pelo trabalho que faz a padaria continuar aberta, e com isso garantir o sustento de sua família.

Diferentemente de Rosa que era passível e tranquila, João é visto pelo narrador como uma pessoa sem paciência, já que estava com vinte anos sem nenhum contato com mulher. Ele encontrava no futebol uma forma de se livrar do estresse para seguir sua rotina de trabalho durante a semana.

A revolução burguesa no Brasil ocorreu em condições históricas, políticas, institucionais e sociais diferentes das observadas pela sua congênere no mundo desenvolvido. A adaptação deste fenômeno originalmente europeu à realidade brasileira se tornou possível porque a despeito de não ter havido no Brasil todo o passado europeu, reproduziu-se aqui de forma peculiar o seu então passado recente. Entendida enquanto a forma pela qual se processou a absorção da organização econômica, social e cultural sob os moldes capitalistas, pode-se pensar em Revolução Burguesa no Brasil. Segundo Fernandes, (1975, p.20-21).

[...] ao se apelar para a noção de “Revolução Burguesa”, não se pretende explicar o presente do Brasil pelo passado dos povos europeus. Indagando-se, porém, quais foram e como se manifestaram as condições e os fatores histórico-sociais que explicam como e porque se rompeu, no Brasil, com o imobilismo da ordem tradicionalista e se originou a modernização como processo social.

As classes sociais no Brasil são estruturadas sob um contexto altamente peculiar, sob uma realidade jurídica, social e institucional imposta pela condição de dependência, particularmente econômica embora não apenas. Com esse substrato, a modernidade não consegue romper completamente com o regime estamental, que se mostrou funcional à nascente organização econômica e social ao amparar a transformação dos “senhores rurais” em aristocracia agrária, considerando a simbiose entre grande plantação, trabalho escravo e expropriação colonial. (Fernandes, 1968)

João era quase uma Rosa também. Só que tinha mãe e pai, isso ensina a gente. E talvez por causa dos vinte anos... De deveras chegara nessa idade sem contato de mulher, porém os sonhos o atiçavam, vivia mordido de impaciências curtas. Porém fazia pão entregava pão e dormia cedo. Domingo jogava futebol no Lapa Atlético. Quando descobriu que não podia mais viver sem a Rosa, confessou tudo pro pai. [...] – Pois então casa! A padaria é tua mesmo... não tenho mais filhos... (ANDRADE, 1923, p.15).

Este trecho mostra que, as tias expulsaram o besouro de cima de Rosa com aspereza, parece que queriam se livrar logo do trabalho que a jovem estava lhes causando. O narrador dá a entender que, a moça estava exagerando pelo fato dela fazer tanta encenação com aquele bicho no corpo. Além disso, a culpa é imputada a Rosa que havia sido descuidada ao deixar a janela aberta. Portanto, Rosa queria o besouro, ela sentia prazer com o bicho. Enquanto o besouro também necessitava do néctar da Rosa. Aqui, o autor escreve em metáforas. É uma marca forte em seus textos.

Temos por metáfora: a palavra ou expressão que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas. Ela pode dar duplo sentido à frase. Com a ausência de uma conjunção comparativa.

[...] Porém Dona Ana orientada pelo gesto que a pobre repetia descobriu o bicho. Arrancou-o com aspereza pra livrar a moça. E foi uma dificuldade acalmá-la... Ia sossegando, sossegando... de repente voltava tudo e era tal qual ataque, atirava as cobertas, rosnavava, se contorcendo, olhos revirados, uhm... Terror sem fundamento, bem se vê. Nova trabalhadeira. Lavaram ela, Dona Carlotinha se deu ao trabalho de acender fogo pra ter água morna que sossega mais, dizem. Trocaram a camisola, muita água com açúcar... (ANDRADE, 1923, p.19).

Este trecho apresenta uma ruptura na vida de Rosa, é quando o besouro entra na intimidade da moça fazendo com que ela perca a inocência. Antes da visita do besouro, a jovem era muito tranquila, nada a preocupava, mas depois que ela recebeu o bicho em seu quarto, se tornou imperativa, enérgica, firme. É a partir desse episódio que ela passa a refletir, coisa que não se passava por sua cabeça antes. Rosa passa a cuidar mais e melhor dos afazeres domésticos. “[...] Rosa lava toda a casa como nunca lavou [...]”. Com sua passagem para o mundo dos adultos, Rosa abandona a boneca que ela não desgrudava, no fundo da canastra, como forma de partir para uma vida nova.

[...] Com efeito, Rosa, mudou. É outra Rosa. É uma rosa aberta. Imperativa, enérgica. Se impõe. Dona Carlotinha tem medo de lhe perguntar se passou bem à noite. Dona Ana tem medo de lhe aconselhar que descanse mais. É sábado, porém podia lavar a casa na segunda-feira... Rosa lava toda a casa como nunca lavou. Faz uma limpeza completa no próprio quarto. A boneca... Rosa lhe desgruda os últimos crespos da cabeça, gesto frio. [...] Esconde a boneca no fundo da canastra. (ANDRADE, 1923, p.20).

Depois que Rosa recebe a visita do inseto ela percebe que ele roubou-lhe a inocência. Com isso, ela passa a refletir e a sentir um medo repentino de ficar solteira, talvez não venha a se casar o que seria para ela motivo de vergonha. Após esse momento de aflição, a jovem muda totalmente seu comportamento com todos. Ela perde seu caráter infantil e a passividade, e transforma-se em uma mulher amarga e provocante e passa a achar que só merece besouros cascudos.

Quando foi dormir teve medo um pavor repentino: dormir só!... E si ficar solteira! O pensamento salta na cabeça dela assim, sem razão. Rosa tem um medo doloroso de ficar solteira. Um medo impaciente, sobretudo impaciente de ficar solteira. Isso é medonho! É uma vergonha! [...] Rosa espera o besouro. Não tem besouro essa noite. Ficou se cansando naquela posição, à espera. Não sabia o que estava esperando. Nós é que sabemos, não? Porém o besouro não vinha mesmo. Era uma noite quente... (ANDRADE, 1923, p.20-21).

Depois da noite em que Rosa quase não dormiu, dona Ana sente necessidade de levar a jovem para um passeio até a igreja. A moça segue na frente passando a se comportar como uma prostituta, e para não morrer solteira, ela agarra o primeiro homem que encontra pela frente, o vagabundo e bebedor, Pedro mulatão.

No outro dia Dona Ana pensa que carece passear a moça. Vão na missa. Rosa segue na frente e vai namorar todos os homens que encontra. Tem que prender um. Qualquer. Tem de prender um pra não ficar solteira. Na venda de seu Costa, Pedro Mulatão já veio beber a primeira pinga do dia. Rosa tira uma linha pra ele que mais parece de mulher- da- vida. Pedro Mulatão sente um desejo fácil daquele corpo, segue atrás. Rosa Sabe disso. Quem é aquele homem? Isso não sabe. Nem que soubesse do vagabundo e bebedor, é o primeiro homem que encontra, carece agarrá-lo senão morre solteira. Agora não namorará mais ninguém. Se finge de inocente e virgem, riquezas que não tem mais!... Porém é artista e representa [...]. (ANDRADE, 1923, p.21)

O medo de ficar solteira fez com que Rosa apressasse o casamento mesmo contra a vontade das duas tias, Rosa não escutou ninguém e casou com Pedro Mulatão, mas ela foi muito infeliz. Percebe-se que a moça é muito vulnerável, pois dar-se a entender que a maneira como que ela foi criada a tornou assim.

A jovem chega ao extremo na tentativa de se livrar da objetividade daquele mundo em que vivia com as duas solteironas, pois ela não quer terminar seus dias como as duas tias, e segue em busca de resgatar sua individualidade.

[...] Prepararam enxoval apressado pra ela, menos de mês. Ainda na véspera do casamento Dona Carlotinha insistia com ela pra que mandasse o noivo embora. Pedro Mulatão era um infame, até gatuno, Deus me perdoe! Rosa não escutou nada. Bateu o pé. Quis casar e casou. Meia que sentia que estava errada porém não queria pensar e não pensava. As duas solteironas choraram muito quando ela partiu casada e vitoriosa sem uma lágrima. Dura.

Rosa foi muito infeliz (ANDRADE, 1923, p.23).

## Capítulo 2.

### ANÁLISE DO CONTO “VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE

O Conto, “Vestida de preto”, foi escrito em primeira pessoa, faz parte do livro Contos Novos de Mário de Andrade. Publicado postumamente, em 1947, expressa a maturidade artística do autor. Mário de Andrade faz nessa obra um mergulho na realidade psíquica e social do ser humano. Investiga a vida interior da personagem, embasando-se na teoria psicanalítica de Freud, principalmente nas narrativas de cunho memorialistas. O narrador, consciente de sua natureza literária, está mais preocupado em narrar do que em contar ou conversar, como ocorria com o modernista “Belazarte”.

O vocabulário, a sintaxe e sobretudo o ritmo da fala brasileira são matéria-prima incorporada e trabalhada nos diálogos das personagens e na fala do narrador. Do ritmo da conversa, o discurso narrativo do livro guarda certos bordões: “Olhem, eu sei que a gente exagera em amor” (“Vestida de Preto”). “Beije Maria rapazes!” (“Vestida de preto”). Trazem sempre o estigma da ruptura e imperfeição da realidade social, onde não há lugar para sentimentos tão intensos (o outro lado temático dos Contos Novos). Daí seu caráter transitório, afinal, são “momentos”, divididos que se mesclam em grandezas e importância. (“Vestida de Preto”).

Neste trecho o narrador diz que, não sabe se o que ele vai contar é um conto ou não por causa das modificações que houve na forma de narrar em decorrência da Revolução Industrial.

A definição de conto passa por conceitos como intensidade, tensão, equilíbrio e extensão. Nesse sentido trabalhava Cortázar. (1973, p.145)

O autor define o conto como uma narrativa, curta, tensa e intensa.

(GOTLIB, 1999, p.7) é quando o gênero se desenvolve e ganha ares modernos.

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem, se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre. Depois do amor grande por que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que frequentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amores perigosos. (ANDRADE, 1993, p.23).

Neste trecho, O narrador, que é o Juca, faz um flash back e conta como foi sua infância com sua prima Maria. Ele conta que eles se sentiam bem “juntos”, como fazem os adultos, eles se



trancavam em um dos quartos da casa da Tia Velha e ali ficavam por horas, com poucas palavras ou apenas “sussurrando”. Aquilo para eles não tinha malícia, era apenas uma brincadeira como afirma Juca: “[...] era fatal brincarmos de família [...]. Brinquedo aliás que nos interessava muito apesar da idade avançada para ele [...]”. Aqui o narrador faz uma espécie de ironia, porque não existe idade avançada para uma criança brincar de família, só depende da disposição.

O fato da casa da Tia Velha ter muitos quartos é porque se trata da casa de uma família de “Classe média burguesa”, diferente da família de Juca que é de “classe baixa”, considerado pelo conto como um menino “pobre” em relação à Maria, que é abastarda. Logo, podemos perceber as diferenças sociais, entre Juca e Maria.

O narrador diz que apenas gostava de ficar no quarto a sós com Maria, conversando sobre coisas “indecentes”, mas que eles nunca tentaram nenhuma. Ele afirma e depois nega que havia, deixando o leitor na dúvida. O casal de crianças adorava ficar escondido naquele quarto brincado de “marido e mulher”, para que as outras pessoas não pudessem saber o que eles faziam.

Para a psiquiatria o comportamento de Juca tem a ver com perversão. A perversão ocupa um dos primeiros lugares na teoria psicanalítica, entre os muitos conceitos complexos e difíceis de definir, gerando equívocos e ambiguidades, seja pela abordagem médico-psiquiátrico com que é geralmente tratado, seja pela contaminação moralista ou religiosa de que dificilmente consegue escapar. Isto sem falar de outro vício comum que consiste em identificar a perversão com a homossexualidade, fazendo desta última uma estrutura clínica.

Maria foi meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornavam mais raras, muito simples, uma ternura imensa. [...] E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. Se a criança estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para ele. Mas é que na casa da Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, [...] Eu adorava principalmente era ficar sozinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que juntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador. (ANDRADE, 1993, p.23).

Neste trecho, o travesseiro representa o pecado marcado pela criação católica do autor. Em relação a Juca “esposo” e a Maria “esposa”, que são expulsos do quarto por Tia Velha. Assim, como Adão e Eva que foram expulsos do paraíso depois de desobedecer a Deus. Assim, como foi Eva, à mulher que levou Adão, o homem a cair no pecado após ter comido a maçã, fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal. Neste conto, também foi à mulher Maria quem

colocou a toalha e o travesseiro no chão e chamou Juca, o homem para se deitar. Logo, percebe-se que, ao deitarem-se no chão com a cabeça no travesseiro eles cometem pecado e passam a viver na escuridão.

E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, “pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos... (ANDRADE, 1993, p.24).

Neste trecho, percebe-se a preferência de Tia Velha por uma neta que ela considera deusa (superioridade) em relação à Maria simples (inferioridade) a quem tia Velha põe defeito nos cabelos. Essa cabeleira explodindo e os cabelos assustados de Maria têm a ver com o pecado a partir do travesseiro e da toalha que ela colocou no chão. Segundo o narrador, aqueles cabelos arrepiados de Maria têm a ver com o momento de prazer da protagonista por estar sentindo o toque de seu primo Juca.

[...] Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era a única a por defeito nos cabelos de Maria. (ANDRADE, 1993, p.24).

Depois que o casal de crianças se deita naquela toalha quentinha, e encosta à cabeça no travesseiro, eles passam a andar em “trevas”, na “escuridão” por causa do pecado, mas depois do beijo que Juca deu em Maria, eles se libertaram do pecado para viverem na mais pura luz. Conclui-se que, o beijo que representa o amor, limpou o “homem” (Juca) e a “mulher” (Maria) que estavam vivendo em pecado e os levou para serem livres.

Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando. (ANDRADE, 1993, p.25).

O narrador passa a entender que nunca gostou de Tia Velha, já que, ela sempre foi a responsável por atrapalhar suas aventuras infantis dentro dos quartos. Além disso, Tia Velha é vista como uma senhora séria, pois apenas com seu olhar ela demonstrou para o “casal” de “crianças” que o que eles estavam fazendo trancados no quarto era “errado”, era “pecado”. É

interessante notar o papel que Tia Velha exerce. Antes de sua chegada, a brincadeira não era considerada indecente. Foi seu olhar e julgamento que trouxe a noção de pecado. A visão do adulto, representado por Tia Velha, aplica toda essa visão repressora. Tudo isso são qualificações freudianas. Juca diz que, naquele momento o olhar de Tia Velha não significava nada para ele só mais tarde, depois que ele virou adulto pode perceber que aquilo que eles faziam dentro do quarto era realmente “pecado”. Entretanto, Tia Velha expulsou Juca e Maria do quarto, assim como Deus expulsou Adão e Eva do jardim do Éden.

Conforme a passagem bíblica diz:

“Por isso o Senhor Deus, expulsou o homem do jardim do Éden e fez com que ele cultivasse a terra da qual havia sido formado”. (Gênesis 3:23).

Após serem expulsos do quarto com aquele olhar de reprovação de Tia velha, acontece uma ruptura na “relação infantil” entre Juca e Maria, pois com o desinteresse de Juca pelos estudos, Maria passa a desprezá-lo. Com isso, eles são afastados durante toda a infância, para se encontrarem apenas durante a adolescência. Juca era considerado por ele mesmo e pelos colegas de escola e pela família como um caso perdido. De forma que, ele assume uma imagem negativa perante a família, como o “pervertido” aquele que não aceita as regras da sociedade. Enquanto, Maria era a certinha e rica passa a evitá-lo com um olhar reprovativo.

Tia Velha representa um elemento autobiográfico. O autor recuperará o passado dando destaque à exposição de impressões, sensações, numa atitude extremamente subjetiva que vive e presencia o máximo o que já se foi. Portanto, Mário de Andrade possuiu uma tia com as mesmas características de (Tia Velha) que o flagrou deu-lhe uma bronca e ameaçou entregá-lo aos seus pais.

Tia Velha, nunca gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio. [...]

Tia Velha - eu sempre detestei Tia Velha, [...] teve a malvadeza de escorrer por mim um olhar que só alguns anos mais pude compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma inocência que poucos segundos antes era real.

- Vamos! saiam do quarto!

[...]

O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à força provocada por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. [...] (ANDRADE, 1993, p.25).

Este trecho mostra a diferença de classe social entre Juca e Maria. O narrador explica que, fazendo uma comparação entre a família dele, com a de Maria, a dele é considerada pobre, pois a de Maria, até viaja para a Europa. Portanto, podemos exemplificar aqui o autor Mário de Andrade que, fez várias viagens para a Europa, diferente de outras famílias que ele conheceu de classe baixa que não tinha condições de fazer esse tipo de viagem.

[...] Nós seríamos até pobretões, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. [...] (ANDRADE, 1993, p.26).

A atitude de desprezo de Maria por Juca fez com que ele refletisse, e mesmo com seu jeito de perdido, procurasse se dedicar aos estudos para concluir o “ginásial”, pois ele ouvia de Maria que ela não se casaria com bombeado. Entretanto, Juca achava que o afastamento de Maria para com ele aconteceu pelo fato dele não gostar de estudar. No entanto, o esfriamento pode ter sido ocasionado pelas diferenças de classe social entre os dois primos.

De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar o meu jeito de “perdido”, o cultivando o mesmo, ginásio acabado, eu me principiara gostando de estudar. Me batera, súbito, aquela vontade irritada de saber, me tornara estudiosíssimo. [...] E todos principiaram maldando que eu era muito inteligente, mas perigoso. (ANDRADE, 1993, p.27).

Com o passar dos anos acontece uma inversão no comportamento de Maria, já que ela que era toda certinha, e depois passa a namorar qualquer homem que encontra pela frente. De modo que, noiva com um e desfaz o noivado de repente, e alguns dias depois ela fica noiva de outro, e em seguida casa - se com um diplomata riquíssimo e parte em viagem para a Europa. Enquanto que Juca dedica-se aos estudos e torna-se bem visto. Esse comportamento de Maria deixa Juca em dúvida, mas ele tem uma namoradinha para se “divertir”, à noite a Rose e a oficial “firme” para o dia a Violeta.

Maria, por seu lado, parecia uma doida namorava com Deus e todo o mundo, [...] Juca estava confuso com os acontecimentos, mas. De mais a mais, havia Rose pra de-noite, e uma linda namoradinha oficial, a Violeta. [...] (ANDRADE, 1993, p.27).

O narrador entra em conflito interior, ao ouvir da mãe de Maria que foi dele que ela gostou, mas ele não a aceitou, e hoje ela vive longe deles. Juca percebe que quem ele amava não era

nem Rose nem Violeta, mas a sua prima Maria e isso o faz sofrer, já que, ela vive na Europa. Enquanto que a protagonista tornou-se falada de vários escândalos morais.

- Pois é Maria gostou tanto de você, você não quis!... e agora ela vive longe de nós. [...] E percebi horrorizado, que Rose nem Violeta, nem nada! Era Maria que eu amava como louco! [...] Pois não andavam falando muito de Maria? Contavam que pintava o sete, ficara célebre com as extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes às portas do divórcio, com um caso escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada, Maria bêbada, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua... (ANDRADE, 1993, p.28).

Neste trecho, o narrador descreve a forma como Maria já adulta, o recebe depois que ela volta da Europa. Juca explica que ela estava rindo para ele com um vestidinho preto, sensual e parecia que estava se entregando toda para ele. Com isso ele ficou meio transtornado, teve uma boa sensação e quase explodiu de excitação ao vê-la daquele jeito, por um segundo pensou em aceita-la em sua vida, porém mais uma vez o personagem (narrador) é tomado pela consciência religiosa que o leva à autocondenação por causa de seus pensamentos e não aceita se entregar aquela tentação. Portanto, esta é a condição de Maria, pois ela representa o fetiche, a “figura erótica”, e o vestido preto, o “atizador da sensualidade”, Neste conto a mulher está na condição de objeto, coisa, vulgar. Trata da inferioridade da mulher em relação ao homem.

Maria estava na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amor, não insisto. Mas se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda vestida de preto, fantasticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido. [...] meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem que nos tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo, me cedendo tudo [...] Um segundo, me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em mim os instintos da perfeição. [...] Nunca mais vi Maria, que ficou pelas Europas, divorciada afinal [...] mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade. (ANDRADE, 1993, p.29).

### Capítulo 3.

#### ANÁLISE DO CONTO “PRECIOSIDADE” DE CLARICE LISPECTOR

O conto “Preciosidade”, de Clarice Lispector, é parte integrante do livro “Laços de Família” que foi publicado pela primeira vez em 1960. Narrado em terceira pessoa, a narrativa trata da infância e da adolescência. Traz em sua temática a questão da iniciação feminina a partir da história de uma estudante de quinze anos, de classe média carioca, que vive isolada em seu mundo.

Clarice Lispector ousava desvelar as profundezas de sua alma em seus escritos. A escritora evitava declarações excessivamente íntimas sobre si mesmo. Poucas vezes deixou escapar confissões que falasse de sua vida pessoal. A escritora reconhecia que sua vida era um mistério. Somente os verdadeiros íntimos a conhecia. O fato de isolar-se em seu apartamento a ajudava a pensar nas pessoas em sua volta e isso aguçava sua percepção de mundo e lhe ajudava a escrever.

Assim como a personagem protagonista do conto “Preciosidade”, era a escritora Clarice Lispector. Uma vez que ela era reservada, não gostava de se expor, nem que invadisse sua privacidade, ela gostava de mostrar-se misteriosa. Ela se dizia tão misteriosa que nem se quer se entendia, pois muitas vezes Clarice se refugiava em seu apartamento para escrever. Conforme ela declarou: “escrever para mim é uma paixão, escrevo para me manter viva”.

O fato de Clarice Lispector ter vindo da Ucrânia para o Brasil com seus pais, fugindo das perseguições que os judeus estavam enfrentando em 1920, durante a Guerra Civil Russa transformou a escritora em uma mulher séria e reservada, pois além da fuga, aqui toda sua família também precisou mudar de nome já que, naquela época o Austríaco, Adolpho Hitler estava perseguindo e matando judeus em toda parte do mundo.

Para a escritora Susana de Sá Klôh, a obra de Clarice é repleta de sugestões e a valorização do mundo interior dos personagens leva o leitor a uma empatia, que pode alcançar o patamar da revelação. “É comum encontrarmos quando se fala de Clarice Lispector, o termo epifania: seus textos frequentemente levam a uma revelação, uma descoberta que só é feita através de uma entrega aos sentidos, nunca pela racionalização”.

Pertencente ao circuito literário nacional de 1945, Clarice Lispector recebeu influência direta do romance psicológico e do chamado fluxo de consciência presente na literatura irlandesa desde a publicação de “Ulisses” de James Joyce.

Nos contos “Amor” e “Preciosidade” os personagens são sempre surpreendidos por uma modalidade perturbadora do insólito, no meio da banalidade de seu cotidiano. Clarice cria situações onde uma revelação, que desconstrói e ameaça a realidade, desvela a existência e aponta para uma apreensão filosófica da vida.

Acreditamos que no conto *Preciosidade* é bastante frequente o uso do discurso indireto livre, que é quando a fala da personagem se mistura com a do narrador. Percebemos que o foco narrativo está dirigido apenas para a protagonista da qual sabemos com riqueza de detalhes, os pensamentos e as sensações. Portanto, é através de uma análise mais aprofundada do que está implícito que conseguimos entender o enredo.

A análise e a interpretação de “*Preciosidade*” se refere ao mundo ficcional no qual o leitor é projetado. É um mundo onde as regras podem ser alteradas, criadas de acordo com a coerência de construção da própria narrativa.

A partir deste trecho, podemos observar que neste conto é narrada a rotina diária de uma estudante de quinze anos que é magra e feia. Nele, o narrador penetra no universo psicológico da personagem descrevendo-a por dentro, ultrapassando os limites exteriores. Essa adolescente a quem o narrador não divulga o nome, tem pai e mãe, porém vive isolada em seu mundo, já que seus pais vivem para o trabalho e não têm tempo para ela. Acorda antes de sua família e para chegar até a escola é necessário pegar um ônibus e um bonde. Com isso, ela gasta duas horas entre ida e vinda. Uma vez que para o sistema capitalista é perder tempo com as obras em vez de estar contribuindo para a lógica da produção de mercadorias, a fim de gerar lucro nesta sociedade capitalista.

Essa personagem que não era bonita guardava dentro de si “algo precioso [...] que era intenso como uma joia”. (LISPECTOR, 1960, p.95). Podemos perceber que esse “algo precioso”, era a virgindade que a jovem preservava. Como muitas mulheres que se guardam para o casamento, ela tentava se preservar, e isso fazia dela uma adolescente séria que só sorria “[se tivesse a sorte de ninguém olhar para ela]” (LISPECTOR, 1960, p.95). Ainda neste fragmento, o narrador começa a entrar no universo psicológico da personagem descrevendo-a por dentro, ultrapassando os limites exteriores, pois além de falar de suas características físicas, a “magreza”, ele ainda é capaz de saber o que se se passa dentro de seu subconsciente, a “meditação”.

Segundo (Morgan) (Engels) (1884), o conceito de família que conhecemos hoje, constituído de pai, mãe e filhos nem sempre existiu, pois é produto da sociedade de classes. Este modelo de família surgiu com a divisão social do trabalho e se adequa perfeitamente a lógica da reprodução das sociedades de cada época histórica.

Portanto, o conceito de família: *famulus* que quer dizer “escravidão doméstica” e família é o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem.

De manhã cedo era sempre a mesma coisa renovada: acordar. O que era vagaroso, desdobrado, vasto [...] Tinha quinze anos e não era bonita. Mas por dentro a magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. [...] Acordava antes de todos, pois para ir à escola teria de

pegar um ônibus e um bonde, o que lhe tomaria uma hora. De devaneio agudo como um crime. O vento da manhã violentando a janela e o rosto até que os lábios ficavam duros, gelados. Então ela sorria. Como se sorrir fosse em si um objetivo. Tudo isso aconteceria se tivesse a sorte de “ninguém olhar para ela”. (LISPECTOR, 1960, p.95).

A partir deste fragmento nota-se que, essa adolescente de classe média não cuidava muito de sua aparência e muitas vezes não tomava sequer banho, hábito que faz parte da higiene do ser humano. Neste sentido, percebe-se que se trata de uma crítica à instituição familiar referindo-se a omissão por parte dos pais da personagem que pouco se importava com o modo como a filha estava vivendo.

Quando de madrugada se levantava – passado o momento de vastidão em que se desenrolava toda – vestia-se correndo, mentia para si mesmo que não havia tempo para tomar banho e a família adormecida jamais adivinhara quão poucos ela tomava. Sob a luz acesa da sala de jantar, engolia o café que a empregada, se começando no escuro da cozinha, requentara [...] os livros embaixo do braço, abria enfim a porta [...] Então já não se apressava mais. (LISPECTOR, 1960, p.95-96).

A seriedade dessa jovem ao entrar no ônibus (lugar de reflexão) é tanta que, o narrador chega a compará-la com uma missionária, já que, essa adolescente tem medo que lhe digam alguma coisa ou mesmo que alguém principalmente homem olhe para ela. Esse medo que toma conta da estudante é uma gradação decrescente do olhar masculino, uma vez que ela tem medo de homens, de rapazes e também de meninos. Porém, ela espera que eles a respeitem. Portanto, o que a deixa mais tranquila é que ela não tem formosura e isso faz com que os homens evitem olhar para ela.

Então subia, séria como uma missionária, por causa dos operários no ônibus que “poderiam dizer-lhe alguma coisa”. Aqueles homens que não eram mais rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe “dissem alguma coisa”, que a olhassem muito. Na gravidade da boca fechada havia a grande súplica: respeitassem-na. Mais que isso, como se tivesse prestado voto, era obrigada a ser venerada, e, enquanto por dentro o coração batia de medo, também ela se venerava [...] Se a olhavam ficava rígida e dolorosa. O que a poupavam é que os homens não a viam [...]. (LISPECTOR, 1960, p.96-97).

O desconforto que essa estudante sente em relação aos homens é tão grande que ela não confia nem mesmo nos operários sonolentos que viajam com ela no ônibus. Esse desconforto causado pelo olhar do outro à estudante é tão sério que o narrador diz que até a riqueza



(estado em que as pessoas de posse estão vivendo) e o silêncio (estado de tranquilidade) também sabem que a jovem protagonista procura se esconder em sua subjetividade.

No ônibus os operários eram silenciosos com a marmita na mão, o sono ainda no rosto. Ela sentia vergonha de não confiar neles, que eram cansados. Mas até que os esquecesse, o desconforto. É que eles “sabiam”. E como também ela sabia, então o desconforto. Todos sabiam o mesmo. Também seu pai sabia. Um velho pedindo esmola sabia. A riqueza distribuída, e o silêncio. (LISPECTOR, 1960, p.97).

Então, a personagem principal do conto atravessava o Largo da Lapa com um andar que parecia desfilar. Quando possível, no bonde escolhia uma cadeira ao lado de uma mulher que lhe desse segurança. Porém, para chegar à escola ainda tinha que atravessar o longo corredor com seus sapatos que faziam um barulho tão intenso, que ela tapava os ouvidos até que entrasse na sala de aula. Para ela seus sapatos irritavam tanto quanto o olhar masculino.

Depois, com o andar de soldado, atravessava – incólume – o Largo da Lapa, onde era dia. A essa altura a batalha estava quase ganha. Escolhia no bonde um banco, se possível vazio ou se tivesse sorte, sentava-se ao lado de alguma asseguradora mulher [...] – e era a primeira trégua. Ainda teria de enfrentar na escola o longo corredor onde os colegas estariam de pé conversando, e onde os tacos de seus sapatos faziam um ruído que as pernas tensas não podiam conter como se ela quisesse inutilmente fazer parar de bater um coração, sapatos com dança própria. (LISPECTOR, 1960, p.97).

Na sala de aula que também servia como lugar de reflexão, o ensino para essa adolescente já não tinha tanta importância uma vez que era inteligente e respondia a todas as perguntas feitas pelos professores. Pois ela estudava em casa, se esforçava para aprender cada vez mais, sendo assim podia ser respeitada, uma forma de manter os homens longe dela. Assim, “ninguém tinha coragem” (LISPECTOR, 1960, p.98).

Até que, enfim, a sala de aula. Onde de repente tudo se tornava sem importância [...] onde ela era tratada como um rapaz. Onde era inteligente. (LISPECTOR, 1960, p.98).

Depois de passar a manhã na escola, a estudante faminta, segue para casa pelo Largo da Lapa que parece outra cidade, pois é hora do almoço e milhares de pessoas transitam de um lado para outro em busca de uma refeição que sacie a fome. Uma vez que sua família trabalhava na repartição, a jovem almoçava apenas na presença da empregada que muitas das vezes não lhe dava ouvidos, já que a adolescente naquela fase de rebeldia a tratava com gritaria. A forma

como a adolescente almoçava é típica dessa fase conturbada, pois até nessa hora ela escondia o rosto com seus cabelos para tentar se camuflar. À tarde para ela se tornava longa e vazia, tentava conversar com a empregada, mas dissimulada evita a conversa. O que ela desejava era o retorno de seus pais, sentir o abraço, o ombro amigo, a companhia deles, já que passava muitas horas sem tê-los por perto. Mas seus pais só chegavam na hora do jantar e não tinham muito tempo para dar-lhe atenção, pois já era noite e precisavam descansar para a jornada do dia seguinte.

Na sociedade de classes, há a exploração do homem pelo homem, na propriedade privada com a troca de produtos, e na acumulação de riquezas por parte de uma pequena parcela da população. Nesse caso, é a empregada doméstica a (proletária) que faz parte da grande massa de trabalhadores que vende sua força de trabalho para os patrões (burgueses) que fazem parte da minoria com maior poder aquisitivo.

À volta para casa era tão cheia de fome que a impaciência e o ódio roíam seu coração. Na volta parecia outra cidade: no Largo da Lapa centenas de pessoas reverberadas pela fome [...] Na casa vazia, toda a família na repartição, gritava com a empregada que nem sequer lhe respondia. Comia como um centauro. A cara perto do prato, os cabelos quase na comida. [...] À tarde transformando-se em interminável e, até todos voltarem para o jantar e ela poder se tornar com alívio uma filha, era o calor, o livro aberto e depois fechado, uma intuição, o calor, sentara-se com a cabeça entre as mãos, desesperada. (LISPECTOR, 1960, p.99-100).

Neste trecho podemos perceber que estava no período do inverno, pois o narrador descreve uma manhã mais fria e mais escura do que as anteriores e também por causa do nevoeiro que costuma se formar nessa época do ano. A adolescente seguia sozinha pela rua silenciosa, já que errara os minutos, pois nas casas as pessoas ainda dormiam. Quando olhou no fim de sua rua e viu dois homens ou rapazes, vindo em sua direção se assustou, pois o medo tomou conta de sua alma. Nesse momento ela passa por um período de reflexão, que leva a impressões pessoais momentâneas sobre a realidade presente. A jovem pensa em fugir, mas logo é tomada por outro pensamento que a faz continuar andando e enfrenta a situação, já que ela nascera destinada a viver sozinha.

Era uma manhã ainda mais fria e escura que as outras, ela estremeceu no suéter. A branca nebulosidade deixara o fim da rua invisível. Tudo algodoado, não se viu sequer o ruído de algum ônibus que passasse pela avenida. Foi andando para o invisível da rua. As casas dormiam nas portas fechadas [...] no meio da rua uma estrela [...] Ela olhou a estrela próxima. Caminhava sozinha na cidade bombardeada [...] Não, ela não estava sozinha Com os olhos franzidos pela incredulidade, no fim longínquo de sua rua, de dentro do vapor, viu dois homens. Dois rapazes vindo. Olhou ao redor como se pudesse ter errado de rua ou de cidade. Mas errara os minutos: saíra de

casa antes que a estrela e dois homens tivessem tempo de sumir. Seu coração se espantou [...] “Eles vão olhar pra mim, eu si, não há mais ninguém para eles olharem e eles vão me olhar muito!” Mas como voltar e fugir, se nascera para a dificuldade. Se toda a sua lenta preparação tinha o destino ignorado a que ela, por culto, tinha que aderir. [...] (LISPECTOR, 1960, p.101-102).

A partir desse fragmento percebe-se que, a adolescente continua a caminhar em direção oposta aos dois rapazes pensando que talvez não houvesse nenhum perigo. Porém, os dois rapazes se aproximaram da estudante e a atacaram. A jovem ficou surpreendida com sua coragem e segue mesmo contra a sua própria vontade, já que tinha o dom e para isso fora predestinada.

De pernas heroicas, continuou a andar. Cada vez que se aproximava, eles também e aproximavam – então todos se aproximavam, a rua ficou cada vez um pouco mais curta. Os sapatos dos dois rapazes misturavam-se ao ruído de seus próprios sapatos, era ruim ouvir [...] Ela os ouvia e surpreendia-se com a própria coragem em continuar. Mas não era coragem. Era o dom. E a grande vocação para um destino. Ela avançava sofrendo em obedecer. (LISPECTOR, 1960, p.103).

Neste trecho acontece à tensão principal do conto é o momento de ruptura, quando a estudante é agarrada e estuprada por dois homens ou rapazes. Após esse episódio acontece uma reviravolta na vida da estudante é quando ela atravessa a infância e se transforma em mulher.

Como nos contos de Clarice Lispector, há um momento de epifania na narrativa que leva a sentimentos e sensações e a uma revelação. Neste caso, a descoberta dar-se quando a jovem percebe que algo está mudado em seu corpo. Essa transformação aconteceu logo após o abuso, isso fez com que a personagem se sentisse modificada, mas ela não sabia explicar exatamente o que aquilo queria dizer.

Podemos observar que a jovem não reagiu ao ataque, pelo contrário, o susto fez com que ela ficasse paralisada, imóvel já que tudo aconteceu muito rápido, na rua escura onde só havia os três. Neste sentido podemos pensar que, ao olhar para os dois rapazes a jovem que era impessoal quebrou o voto que havia feito em segredo e tornou-se individual. Com isso, acontece a quebra do primeiro dos sete mistérios. Acreditamos que seja possível pensar nos “sete mistérios” como os sete véus da dança interpretada por Salomé que ao retirar cada véu, mostrava um pouco mais de sua sensualidade.

“Ao retirar cada véu, Salomé revelou um aspecto novo de si, como também um olhar lançado a cada dimensão do meio social poderá esclarecer uma faceta diferente do estilo de vida da Nova Gente. Assim como a remoção do

sétimo véu de Salomé revelava o total de tudo o que havia sido exibido em cada cobertura anterior (...)” (WINICK, 1972: 261).

Podemos inferir que, as características psicológicas da personagem do conto “Preciosidade”, têm muito a ver com as da escritora Clarice Lispector, uma vez que, tanto uma quanto a outra vivia isolada em seu mundo, com seus segredos e mistérios. Quanto à escritora, nem se fala, ela deixou muita gente curiosa, pois morreu e levou consigo muita coisa que era só dela, de sua vida pessoal.

Outro fato que se passou na família de Clarice e também é descrito no conto “Preciosidade” se passou com a mãe da escritora. Assim, como a personagem do conto, a mãe de Clarice também sofreu um estupro. Isso aconteceu durante a Guerra Civil Russa, quando sua família ainda morava na Ucrânia. Desse estupro sua mãe contraiu sífilis e morreu anos depois de chegar ao Brasil.

Com brusca rigidez olhou-os. Quando menos esperava, traido o voto de segredo, viu-os rápida. Eles sorriam? Não, estavam sérios. Não deveria ter visto. Porque, vendo, ela por um instante arriscava-se a tornar-se individual, e também eles [...] Por um instante hesitou toda, perdida de um rumo. Mas era tarde demais para recuar [...] Ia ser rápido, sem dor. Só por uma fração de segundos se cruzariam, rápido, instantâneo, por causa da vantagem a seu favor dela estar em movimento e deles virem em movimento contrário, o que faria com que o instante se reduzisse ao essencial necessário – à queda do primeiro dos sete mistérios que tão secretos eram que deles ficara apenas uma sabedoria: o número sete. Fazei com que eles não digam nada, fazei com que eles só pensem, pensar eu deixo. Ia ser rápido, e um segundo depois da transposição ela diria maravilhada, galgando-se para outras e outras ruas: quase não doeu. Mas o que se seguiu não teve explicação. (LISPECTOR, 1960, p.104).

Depois que sofreu o estupro, a estudante demorou um pouco até se recompor. Porém não percebeu as horas passando, pois quando chegou à escola observou que já havia perdido duas aulas, pela presença do professor de Latim. Em seguida, ela foi até o banheiro da escola e ali apresentou um de seus monólogos: “[...] – estou sozinha no mundo!” (LISPECTOR, 1960, P.107). Essa adolescente mesmo tendo uma família e um lar sentia-se sozinha e solitária, pois sabia que não podia contar com o apoio de seus pais, já que estes não lhe davam atenção. Depois do abuso ficou um pouco perturbada, pois muito tempo depois ainda ouvia o barulho dos quatro sapatos dos dois rapazes, mas logo foi se libertando das lembranças do momento em que aqueles dois homens a magoaram.

Na sociedade primitiva ainda não existia a família, que surge com a supremacia machista dos homens, o que caracteriza esses indivíduos livres e não livres. É uma família submetida ao poder paterno. Na comunidade tribal,

“a família era toda a comunidade não existiam individualismos e sim coletivismo social [...]” (REED, 2008, p.96).

[...], chegou à escola com mais de duas horas de atraso. [...] pela presença do professor de Latim constatou com surpresa polida que na classe já haviam começado a terceira hora. [...] Quando foi molhar os cabelos diante do espelho, ela era tão feia. Ela possuía tão pouco, e eles haviam tocado. Ela era tão preciosa. (LISPECTOR, 1960, p.107).

A adolescente exigiu de seus pais sapatos novos, uma vez que ela atribui ao calçado à violência sexual que sofreu devido ao barulho, “ao toque”, que os mesmos faziam. Com isso ela ganhou sapatos novos. Porém, seus pais mais preocupados com o trabalho do com a família não havia entendido que sua filha havia deixado à infância e se transformado em uma mulher. Portanto, é possível inferir que a preciosidade guardada pela jovem, o ruído de seus sapatos, o toque inesperado e o pedido por sapatos novos, simbolizam respectivamente a virgindade, os traços de mulher que já estavam aflorando, a iniciação sexual e uma espécie de amadurecimento, que a personagem se dá conta de sua condição e tenta modificá-la.

O conto é uma crítica aos padrões sociais que presam a mulher virgem e pura, que negam a sexualidade a tal ponto que, só admitem no caso da mulher, quando esta aceita o matrimônio.

“Até que, assim como uma pessoa engorda, ela deixou, não sei por que processo de ser preciosa. Há uma obscura lei que faz com que se proteja o ovo até que nasça o pinto, pássaro de fogo. E ela ganhou sapatos novos”. Clarice Lispector.

- você não é mulher e todo salto é de madeira [...] ela deixou, sem saber por que processo, de ser preciosa [...] E ela ganhou sapatos novos. (LISPECTOR, 1960, p.108).

## Capítulo 4.

### ANÁLISE DO CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR

O conto “Amor”, de Clarice Lispector, escrito em 1974, período em que a mulher era caracterizada pela ausência total de direitos, também é parte integrante do livro *Laços de família*, que foi publicado em 1960. Escrito em terceira pessoa, trata do cotidiano da dona - de - casa, Ana, de classe média. Clarice utiliza a Zona Sul do Rio de Janeiro, mais precisamente o bairro do Humaitá para escrever essa história tensa e intensa, através dos laços de família. O foco narrativo caracteriza-se pela onisciência do narrador que desvenda a interioridade dos personagens através de um movimento ora de cumplicidade ora de distanciamento em relação a eles.

Os textos de Clarice revelam a própria condição de solidão do homem no mundo. Há um aspecto a ser levantado nas personagens criadas por ela. Geralmente são moças, velhas, casadas, solteiras, enfim mulheres que tem sua realidade social e pessoal deflagradas sob o olhar crucial de Clarice.

No conto “Amor” Clarice utiliza a técnica do fluxo de consciência que mostra o ponto de vista de um personagem através do exame profundo de seus processos mentais, fazendo-se a distinção entre consciente e inconsciente, realidade e desejo, as lembranças da personagem e a situação presente na narrativa. Neste conto também acontece uma epifania provocada pelo domínio das sensações e emoções, através de uma revelação, que é feita através dos sentidos. Este é o momento de ruptura, ou seja, é quando se dá a tensão do conto.

Neste primeiro momento, nota-se que a protagonista é uma mulher de classe média, casada que tem a responsabilidade da organização do lar e os cuidados da família como seu objetivo principal. Ana vive sua rotina diária com extrema satisfação ao lado dos filhos e do marido, pois ela deixa transparecer que abriu mão da felicidade na juventude para garantir uma vida segura e harmoniosa através do casamento. Essa dona-de-casa tem uma vida monótona, sem muitas novidades, pois para ela os dias são sempre iguais, ela não vê nenhuma perspectiva de mudança uma vez que, acha sua vida normal e tranquila.

Para Engels (1884), a monogamia foi instituída para servir as necessidades da propriedade privada que passou a ser possuída pelo homem, já que, com o acúmulo de riquezas materiais, este precisava de uma mulher que lhe desse filhos legais, portadores de seu nome para herdar sua propriedade.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa sumarenta. [...] A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. Mas o calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando [...]. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão [...] E Cresciam árvores. Crescia sua

rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida. [...] sentia-se mais sólida do que nunca. [...] No fundo Ana sempre tivera a necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. [...] Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, [...]. (LISPECTOR, 1960, p.17-18).

Apesar de estar em busca de uma vida segura e tranquila, Ana passa por momentos de devaneios, justamente no período da tarde, quando ela se encontra sozinha em casa sem nada para fazer. Esses devaneios são sentimentos e pensamentos que surgem de repente no inconsciente da protagonista, porém ela não consegue explicar e segue presa em seu pequeno mundo de “convenções”, pois é ali que ela se sente bem.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se [...]. Sua preocupação reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chagaria à noite, com sua tranquila vibração. (LISPECTOR, 1960, p.18-19).

A partir deste trecho, percebe-se que a inquietação da protagonista aumentou gradativamente. O fato de Ana ter gritado quando o bonde partiu de forma súbita revela a perda de sua autoafirmação. O grito foi à reação imediata ao que ela sentia naquele momento. Com o grito funde-se os dois mundos, isso faz com que a dona-de-casa perceba que tudo está desorganizado em sua volta. Ela desperta para realidade e isso tudo a amedronta, pois não sabe como lhe dar com essas novas sensações e emoções, com esse novo mundo que surgiu de repente.

A cena do cego mascando chicletes é uma metáfora, que representa a cegueira em que Ana vivia em seu próprio mundo fechado cuidando dos afazeres domésticos sem abrir os olhos para o outro mundo lá fora. Uma vez que ela não entendia que fora de seu lar organizado houvesse outro mundo desorganizado com pessoas que passam por diversos tipos de problemas.

A partir da imagem do cego que mascava chicletes, Ana se vê refletida nele. O cego não só remete a tudo que perturba a personagem como é a representação da falta de liberdade, do seu desejo, mesmo que inconsciente de ter outra vida, de transgredir as convenções e criar outra realidade para sua existência.

O movimento do cego mascando chicletes faz Ana perceber que sua vida também é assim, monótona e rotineira, pois ela está condicionada e conformada com sua situação, com sua vida.

O impacto que o cego causou, deixou Ana incapaz de se levantar para apanhar suas compras, pois a visão do novo mundo deixou a protagonista sem reação. Depois de enxergar a realidade, ela passa a perceber que antes tudo o que representava solidez e tranquilidade, agora tem lhe causado dúvida e estranhamento.

Conforme Engels (1884), quando a mulher deixou de produzir, se tornou um ser dependente, pois a responsabilidade financeira da mulher e da família passou a ser de seu esposo. Para a mulher o matrimônio se tornou em um cárcere, pois tirou da mulher toda a liberdade que ela desfrutava na sociedade antiga.

“Enquanto as mulheres mantiveram suas instituições coletivas, conseguiram não ser derrotadas; mas com o surgimento do novo sistema de propriedade privada, o matrimônio monogâmico e a família, as mulheres se dispersaram e cada uma se converteu em uma esposa solitária e mãe confinada a um lar isolado[...]” REED, 2008, p.40-41).

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se apurar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes. [...] olhava o cego profundamente, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-se parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. [...] o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo ruiu no chão – Ana deu um grito [...]. Ana se agarrou ao banco da frente, com se pudesse cair do bonde, [...] (LISPECTOR, 1960, P.20-21).

O trecho que mostra a quebra dos ovos escorrendo pelos fios da rede pode ser entendido como a metáfora da transcendência de Ana. Esta situação representa o desligamento e a fugacidade de todos os valores e crenças que a personagem achava corretos em sua vida rotineira. Com a visão do novo mundo Ana se sente desorientada a ponto de não saber o que fazer com as



compras no colo. Esse novo mundo causou um grande mal estar na protagonista de forma que sua respiração tornou-se sufocada e difícil.

Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. [...] A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíram, [...] (LISPECTOR, 1960, p.21).

Depois de se deparar com o novo mundo e com o cego que mascava chicletes na escuridão, Ana se sente fraca e vulnerável. Ela entra em conflito íntimo, uma inquietação levando-a a reflexão extrema. Com isso ela perde-se em devaneios ao ponto de desligar-se do tempo em que se encontra e a direção de sentido. A sensação de choque é tão forte que leva Ana a descer do bonde no ponto errado. Ao descer em outro local, ainda muito assustada com tudo que aconteceu ela percebe que está no Jardim Botânico, ali ela entra em contato com a natureza como se fosse à primeira vez. A personagem fica encantada com a beleza do lugar: as plantas, os animais, os insetos para ela tudo ali faz sentido, pois até o silêncio daquele lugar é capaz de regular sua respiração e isso faz a personagem sentir paz em seu interior. Em meio à reflexão, Ana passa a observar com um olhar de dentro para fora. Com isso, ela se sente culpada por não ter sido parte deste mundo que não via até aquele momento, repulsa por ter descoberto e ao mesmo tempo transborda - lhe de amor por tudo isso e um desejo muito grande de viver.

Este é o momento de ruptura, de epifania. Diante das árvores sua emoção é muito grande. Esses vegetais davam frutos, mas ao mesmo tempo eram sugados por parasitas, o que lhe causou um grande nojo. Esta seria uma metáfora de sua condição feminina. Isto é da vida que Ana leva enclausurada dando o melhor de si para que sua família se sinta confortável.

Nesse momento, Ana percebe que o mundo é mais do que sua própria vida e que lá fora tem pessoas que precisa dela, e das quais ela também precisa.

[...] Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza que em estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, [...] Por um momento não conseguia se orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite. Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pode localizar-se. [...], atravessou os portões do

jardim Botânico. [...] Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo. A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecera por dentro. De si. [...] Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se perceber. [...] Como a repulsa que precedesse uma entrega - era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. [...] As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe a garganta como se ela estivesse grávida e abandonada. (LISPECTOR, 1960, P.22-23-24).

A personagem fica fascinada com a beleza do lugar, perde a noção do tempo e quando lembra que tem uma família para cuidar e o jantar para fazer, ela sai desesperada, então, descobre que o parque está fechado com ela dentro. Quando o vigia abre os portões, Ana sai depressa quase correndo em direção ao edifício, e ao chegar em casa realiza uma inversão de valores, pois se antes achava normal um cego mascando chicletes na escuridão, agora é seu próprio estilo de vida de dona-de-casa, mergulhado em rotinas domésticas, que se torna uma loucura.

Quando Ana entra em casa, seu lugar de refúgio e de tranquilidade vê tudo tão limpo e organizado, então reage com estranhamento, pois o choque com o novo mundo faz enxergar seu lar com indiferença. Com isso, a protagonista passa a perceber que seu mundo não faz mais sentido a não ser para ela mesma.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria. [...] sacudiu os portões fechados, sacudiu-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto. Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta da casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova era essa terra? E um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. (LISPECTOR, 1960, P.25-26).

Ao voltar para casa, Ana não é mais a mesma, percebe que algo mudou depois que ela sai às ruas e se depara com o cego mascando chicletes, pois olha ao redor e vê como se seu apartamento fosse a própria ostra fechada. Mas ela agora quer adaptar-se a esse novo mundo que aos seus olhos não voltará a ser o mesmo, pois quer aproveitar a vida da melhor forma possível, e esquecer os anos em que viveu na clausura.

Não havia como fugir. Os dias que ela havia forjado haviam-se rompido e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. (LISPECTOR, 1960, P.26-27).

Depois que os parentes haviam ido embora e as crianças dormiam, Ana passa a observar o novo mundo pela janela de seu apartamento. Ela passa a refletir olhando para o horizonte e percebe que sua visão de mundo estava escura como a noite, mas que ela pode ser diferente, porém presa às convenções não tem forças para lutar contra este sistema alienador. Desde instante, com um estouro vindo da cozinha, rompe com seus devaneios.

Na cozinha, Ana percebe que o estouro era apenas o café derramado pelo seu esposo. Neste instante ela se vê abraçada por ele que a leva para o quarto, ela sente a necessidade de estar protegida e sem perceber começa ali naquele instante uma nova aliança. Naquele instante tudo o que ela conheceu do novo mundo se apaga como a chama de uma vela, pois o que dá a entender é que ela volta para o seu mundo de rotina e continua debaixo da submissão de seu marido.

Portanto, Clarice Lispector consegue transmitir a imagem de uma mulher que ainda encontra-se presa aos valores ideológicos e patriarcais. No caso de “Amor”, a personagem vive sua rotina diária nos cuidados da casa, dos filhos e do marido. Ela revela o desejo de se libertar da mesmice de sua vida a qual está condicionada, mas tem medo até mesmo dos sentimentos e pensamentos que emergem em seu espírito. Com isso, não aceita tais pensamentos que poderiam ser uma das possibilidades de mudança para uma vida na qual ela seria responsável por sua própria existência, sem se prender aos padrões convencionais estipulados pela sociedade.

Ana só se dá conta da condição em que se encontra de mulher oprimida quando se depara com o cego que mascava chicletes na escuridão, pois nesse momento, ela pode olhar para dentro de si e refletir sobre o modo de vida que estava levando.

A personagem tem a oportunidade de transgredir e ter uma vida diferente, mas ela não consegue, uma vez que não encontra força para romper com esse sistema alienador.

Nesse sentido, podemos perceber que o conto trata da questão da opressão e submissão da mulher na sociedade. Neste conto, nota-se que, Clarice apresenta a forma como a mulher era vista na época da repressão da ditadura no Brasil. Era um período em que à mulher tinha ausência total de direito, pois a ela era foi lhes dado o espaço doméstico, (o lar), a maternidade e o casamento. Enquanto que aos homens foi reservado o espaço público, a política, o poder. A mulher não tinha outra saída, a não ser está debaixo da autoridade de seu conjugue, pois a mulher que transgredisse o sistema era considerada comunista, uma vez que, havia desviado os padrões que a sociedade estabelecera para ela.

Assim, notamos nessa narrativa as características do patriarcalismo que regem a sociedade ao longo dos tempos e que continuam enraizadas, impedindo o direito a uma vida digna e

igualitária a muitas mulheres na atualidade. Portanto, de acordo com o texto, conclui-se que essa sociedade é construída sob as bases machistas e autoritárias de homens que governam o país há séculos.

Ela continuou sem força nos braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem de bondade. E se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia. (LISPECTOR, 1960, P.29-30).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos analisados podemos entender que, todos trazem a “figura da mulher” como personagem protagonista, mas em cada um deles elas passam por situações diferentes de exploração e opressão.

Podemos perceber que, no conto “O Besouro e a Rosa” a protagonista, Rosa, moça pobre da periferia de São Paulo, é submetida à exploração doméstica depois que fora abandonada pela mãe, pois Rosa não tinha outra saída a não ser ir morar de favor na casa das “tias” ou “patroas”, com isso, as duas senhoras sem perceber exploram a jovem de forma que esta fica condicionada, tornando-se submissa e subordinada às duas senhoras que fazem parte das relações paternalistas, esta ideologia que está enraizada desde os tempos coloniais.

Diferente do tipo de trabalho que as mulheres desenvolviam na sociedade antiga. “[...] na sociedade primitiva, todos os trabalhos inclusive os mais insignificantes eram voluntários, e nunca uma mulher fez algum trabalho tendo que obedecer ordens arbitrárias [...]”. (REED, 2008, p.92).

No conto, “Vestida de preto”, a situação da protagonista Maria se transforma em opressão quando ela é reprimida pelo olhar de Tia Velha, no momento que Maria e Juca são expulsos do quarto. Por isso, acontece uma inversão, pois Maria que era muito estudiosa torna-se namoradeira e má falada por todos. Nesse caso, ela torna-se objeto, coisa, vulgar. Com isso podemos perceber que no conto a condição é a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Já no conto “Preciosidade” a personagem, uma adolescente, estudante, de classe média carioca que é explorada pelo sistema capitalista, que impulsiona seus pais a se dedicarem ao trabalho a ponto de esquecerem que tem uma filha que precisa de atenção e de carinho. Por isso a personagem se torna uma pessoa séria, rígida, isolada e afastada de todos, e ainda é violentada sexualmente, outra forma de exploração que mexe com corpo e a mente da mulher.

Por fim, no conto “Amor”, a situação de exploração e opressão é quando a personagem protagonista, Ana, uma mulher de classe média, casada, enfrenta, é a de ser uma dona de casa exemplar que vive para o cuidado do lar e da família, sem se dá conta que, por causa do sistema capitalista ela se tornou submissa e subordinada, cega para o mundo lá fora, passando a viver debaixo da dominação de seu esposo.

Vemos que as mulheres trabalhadoras são oprimidas e exploradas, tanto nas empresas por conta do sistema capitalista que faz de tudo para garantir mais lucro, como dentro de casa, pois o homem trabalhador, com o machismo acha que os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças são tarefas exclusivas do sexo feminino, com isso, as mulheres vivem cotidianamente sobrecarregadas de serviços.

Percebemos que mesmo com o avanço da educação, a violência contra a mulher continua, pois apesar de algumas já terem saído do espaço doméstico, e conquistado um cargo significativo no mundo do trabalho, a maioria ainda vem sendo explorada e oprimida pelo homem.

A opressão machista está presente nos locais de trabalho com longas jornadas e também no serviço doméstico. A maioria das mulheres que trabalha nessa dupla ou tripla jornada não tem tempo para descansar nem dinheiro para uma alimentação adequada e no cuidado com a saúde, muitas delas acabam ficando doentes por causa do estresse que se forma por conta do trabalho.

A realidade da mulher precisa ser mudada, pois muitas delas trabalham sem equipamentos adequados para sua segurança, recebem salários inferiores aos dos homens, mesmo desempenhando as mesmas funções. A maioria delas também não tem direito a creches para deixar seus filhos e poder trabalhar mais tranquila. Outras ainda são desrespeitadas no ambiente de trabalho, com assédio moral, assédio sexual e com humilhações promovidas por seus chefes dentro dos locais de trabalho.

Na sociedade capitalista, a mulher precisa adaptar-se a dinâmica do modo de produção para que ela seja inserida no mercado de trabalho e com isso possa participar mais da vida econômica.

Nesse contexto percebemos que a mulher moderna é forçada a adaptar-se a uma nova situação, pois abandona a condição de filha, esposa, obediente e submissa, passando por diversas transformações sociais, econômicas e principalmente psicológicas. Dessa forma, ela adquire características de uma nova mulher, preparada para o mercado de trabalho.

Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, a ela cabe realizar todas as tarefas domésticas, isto é, os afazeres domésticos que são considerados “coisas de mulher”, pois o homem raramente se dispõe a ajudar para tornar menos cansativa à vida de sua companheira (SAFFIOTI, 1991, p. 50)

O autor analisa em sua obra características típicas de hierarquia de poder, onde o homem nega a condição dessa nova mulher. Dessa forma evidenciando uma sociedade onde ainda impera o machismo, na qual a mulher sofre preconceitos nas diferentes esferas sociais por sua situação de mulher.

As relações de produção, que durante séculos mantiveram a mulher trancada em casa e submetida ao domínio do marido que a sustentava, são as mesmas que ao expelir as correntes que a aprisionavam, impelem a mulher frágil à luta do cotidiano e a submetem à dependência econômica do capital. (KOLONTAI, 2005, P. 17).

Conforme temos assistido diariamente nos veículos de comunicação, a questão feminina, além de afetar a mulher trabalhadora que tem um companheiro, vem modificando também a vida daquelas mulheres que têm se tornado provedora do lar, isto é, “a chefe da família”, que em caso de separação, morte do conjugue ou no caso de mãe solteira, é a única responsável pelas despesas da família e dos filhos. Isso a obriga a recorrer ao mercado de trabalho para ter uma fonte de renda para suprir as obrigações, porém em muitos casos o salário que recebem é insuficiente para passar o mês, assim, sobrevivem com grandes dificuldades.

Portanto, a questão feminina não afeta apenas um grupo minoritário, já que as mulheres representam metade da espécie humana, pois de acordo com dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2011 as mulheres recebiam em média 72,3% do salário masculino. Apesar da maior parte da população brasileira ser formada por mulheres, são elas as que mais estudam hoje, e também as que mais sofrem opressão, como a desigualdade econômica e o desemprego, principalmente ao se tratar das jovens sem qualificação e da mulher negra.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE 2012), publicado em outubro, nos revela que, apesar da maioria das mulheres possuírem maior grau de instrução, elas recebem remuneração em média 30% menos que a dos homens, além disso, são elas minoria no mercado de trabalho, possuem renda de até um salário mínimo e muitas delas trabalham na informalidade.

Sabemos que o objetivo do sistema capitalista é usar a classe burguesa para extrair a mais-valia, para isso ele explora a mão-de-obra da classe trabalhadora, enquanto esta resiste à dominação, gerando conflitos que resultam em lutas de classes.

Acreditamos que a saída para todos esses conflitos deve ser a união das mulheres e de todos os trabalhadores em suas lutas diárias para reivindicar a ampliação de seus direitos. Para isso, será necessário exigir do governo e dos patrões melhores condições de trabalho tais como: diminuição da jornada de trabalho, implantação de creches nos locais de trabalho, remuneração justa e igual a dos homens entre outras para que assim, possa valer os princípios básicos de igualdade e respeito com o ser humano.

Entendemos que as mulheres em suas lutas diárias, devem ter em mente que somente com a extinção da sociedade de classes e a criação de uma nova sociedade onde não existam classes sócias, elas poderão ser emancipadas como sexo, assim como todos os trabalhadores de sua opressão e alienação. As mulheres muito vagamente se dão conta que a submissão caminha lado a lado com a exploração dos trabalhadores e com as discriminações praticadas contra os negros e outras minorias raciais.

Em relação à violência doméstica contra a mulher, mesmo com a aprovação da Lei Maria da Penha, temos visto que pouca coisa mudou. Segundo um estudo recente do IPEA (Instituto de pesquisa Econômica Aplicada), os índices de feminicídio (assassinato das mulheres em decorrência de conflitos de gênero), mantiveram-se os mesmos antes e depois da Lei. Entre 2001 e 2011 foram mortas cerca de 50 mil mulheres no Brasil. Dessas, 29% foram assassinadas em sua própria residência.

O que chama a atenção nesses índices é que, 31% dessas mulheres são jovens entre vinte e vinte nove anos e 61% são negras.

Percebemos, assim que, embora a Lei esteja punindo os agressores que comete esse tipo de crime, outras medidas devem ser tomadas para a proteção das vítimas que denunciam seus parceiros. Para isso é necessário que haja mais investimento do governo para que as mulheres possam viver com mais dignidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A mulher na sociedade em:** <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaio>

ANDRADE, Mário de. O Besouro e a Rosa. In: **Os contos de Belazarte**. 7ed. São Paulo, Martins; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980 VI, 154 P.

ALVES FERREIRA NETO, Geraldo, “Perversão ou perversões” In: Espaço da clínica, vol. IV. N° 6. São Paulo. Julho de 1999.

Associação Americana de Psiquiatria (1995) Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV, 4ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. Freud, S. (1897). Extratos de documentos dirigidos à Fliss. In edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.) (vol. 1, pp.243-378). Rio de Janeiro, RJ Imago, 1977 (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.) Vol. 7, pp. 123-252). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1972

**Bibliografia de Clarice Lispector** disponível em: [http://www.releituras.com/clispector\\_bio...](http://www.releituras.com/clispector_bio...)

**Bibliografia de Clarice Lispector** Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/clarice\\_lispector](http://pt.wikipedia.org/wiki/clarice_lispector)

**Bibliografia de Mário de Andrade** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio>

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**, Nova Tradução na Linguagem de hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 864p.

CORTÁZAR, J. **La Casilla de los Morelli**. Barcelona (Espanha): Tusquets Editor. 1975.

Censo do IBGE, Disponível em: [www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalho\\_ereendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalho_ereendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf).

**Contos Novos**. 15ª, Estudo e edição revista por Maria Célia de Almeida Paulillo. Belo Horizonte: Villa Rica, Rio de Janeiro, 1993. P. 23-29.

Cecília de Paula, disponível em: <http://www.adua.org.br/artigos.php?co> Professora da Universidade federal da Bahia e 1ª vice-presidente da Regional Nordeste III do Andes-SN

Escola Judicial TRT – 3ª Região Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/memória/>



ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1987.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOTLIB, Nádya Batella. Teoria do Conto. 9ª. Ed. São Paulo: Ática, 1999. 95 p.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil** [4ª ed.] Brasília: Ed. Da UNB, 1963

Metáfora disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Met% C3%A1fora](http://pt.wikipedia.org/wiki/Met%C3%A1fora)  
<http://fontehistórica.wordpress.co...>

KOLLONTAI, Alexandra. **Marxismo e Revolução Sexual**. São Paulo: Global Editora, 1982

Lei Maria da Penha Cotidiano/Jornal Folha de São Paulo disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidi>

LISPECTOR, Clarice. (1960) Preciosidade. In: **Laços de família**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá. P. 95-108.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970. P.17-30.

MARQUES, Edmilson. **A mulher na sociedade moderna**. In: Viana, Nildo (org.). A Questão da mulher: opressão, trabalho, violência. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. Mulheres na educação: **luta histórica contra a opressão e a exploração capitalista**

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2007.

PNAD (IBGE) **Diferença salarial entre homens e mulheres aumenta conforme escolaridade** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade>

PNAD (IBGE), Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidência/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=171&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidência/noticia_visualiza.php?id_noticia=171&id_pagina=1) acesso em: 20.08.2012.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O poder do macho**. 5. Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

WINICK, C. E. (1972) Tradução de César Tozzi. Antropologia social. Livro de Ciências Sociais Unissexo: **A dessexualização na vida americana**. São Paulo: Perspectiva, 1972.